

Boletim de Estudos Clássicos

Associação Portuguesa de Estudos Clássicos
Instituto de Estudos Clássicos



Coimbra
Junho de 2008

LÉOPOLD SENGHOR E OS ESTUDOS CLÁSSICOS

Um estadista da paz, defensor do entendimento entre os povos e ao mesmo tempo criador de poesia – e, como tal, acolhido na Academia Francesa – e impulsionador da cultura, esse foi Léopold Senghor, figura paradigmática que continua a ter muito que ensinar aos nossos tempos.

Depois de ter estudado Grego e Latim em França e de ter sido professor em Tours e em Paris e ainda na Escola Nacional Ultramarina, exerceu altos cargos no governo francês, designadamente o de ministro conselheiro para os assuntos culturais, até que, em 1960, se torna o primeiro presidente da república do Senegal. Reeleito mais de uma vez, o seu papel continua a exercer-se, directa ou indirectamente, na organização do ensino do país que acabara de se tornar independente. É então que a Assembleia dos Bispos da África negra francófona recomenda fortemente o ensino do Grego e do Latim nos Seminários. Mais ainda: no ensino secundário cria-se uma secção clássica. E aqui cito, traduzindo-as, as palavras que Senghor proferiu no Congresso Internacional “As Humanidades Greco-Latinas e a Civilização do Universal”¹, de que ele foi presidente honorário, aqui em Coimbra, em 1988:

‘A seguir à independência criámos no Senegal, no ensino secundário, uma secção clássica onde os alunos podem escolher entre o Árabe, por um lado, e o Latim e o Grego, por outro. É assim que neste país, 80% muçulmano, se cerca de 65% da secção clássica escolheu o Árabe, aproximadamente 35% - sobretudo raparigas – preferem o Latim e o Grego. A razão principal que elas têm é, como me disse a nossa primeira mulher professora de Grego na Universidade de Dakar, que as nossas intelectuais se sentem menos desambientadas no mundo do humanismo greco-latino que lhes fizeram assimilar’.

¹ *Actas* (Coimbra 1988) p. 83.

Foi também como Presidente do Senegal que Senghor proferiu estas palavras que igualmente traduzo, numa distribuição de prémios no Liceu de Dakar, em 1965:

‘Caras alunas, o Latim – como o Grego e o Árabe –, por ser disciplina educativa, ajudará a promoção da rapariga, da mulher senegalesa. É, como diz a Escritura, sendo fiel nas pequenas coisas que se é nas grandes. É pela tradução e pela retroversão latinas que aprendereis a tornar mais agudo o vosso juízo, a introduzir a razão e a ordem no vosso pensamento, na vossa vida de cidadãs e de esposas’.

Se me permiti recordar estas palavras, é não só pelo valor em si, como pelo que representam de agudeza em relação às extravagantes ideias que a este propósito grassam no nosso ensino, ou, melhor dizendo, para usar um dos mais expressivos neologismos da nossa língua, no nosso ‘eduquês’.

Momento alto da actuação pedagógica e cultural de Senghor foi a realização de um Congresso Internacional de Latim em Dakar, em Abril de 1977, o primeiro a efectuar-se no continente africano, que ele, na qualidade de Presidente da República e com todo o aparato que o cargo impõe, quis inaugurar nestes termos:

‘Se aceitei abrir os trabalhos deste Congresso da Academia Latinitatis inter omnes gentes fovendae, é porque o meu governo, entre outras disciplinas, entre as quais a Matemática, liga uma grande importância ao ensino da Língua e Civilização Latinas’.

O Prof. Robert Schilling, da Universidade de Estrasburgo, que refere estas palavras, comenta: ‘Não sei porquê, pensei numa reflexão de Plínio-o-Antigo (*N. H.* VII. 182) em que honrava o grande Pompeu por ter feito inclinar as suas insígnias diante da porta da cultura’.

O mesmo grande latinista francês recorda ainda, a propósito: ‘Napoleão preconizou, para matérias de base, o Latim e a Matemática; é uma coisa picante notar a mesma aproximação na declaração do presidente senegalês’.

Falta dizer que o Congresso, subordinado ao sugestivo título ‘Negros na Antiguidade Romana’, encontrara grande eco na imprensa de Itália e da Alemanha Federal.

Reportando-nos ainda à notícia dada por Schilling, vale a pena referir que as comunicações eram lidas em Latim. E que os alunos, quando lhes

perguntaram se tinham dificuldade em seguir os oradores – que eram de vários países – respondiam: ‘Em geral, não, salvo quando pronunciam mal’. E que esses mesmos alunos fizeram uma pequena representação em latim de um ‘Dialogus puerilis’, por eles composto sob a direção do professor.

Também o já referido Congresso sobre o Humanismo Greco-Latino e a Civilização do Universal, em 1988, organizado pelo Instituto de Estudos Clássicos da Universidade de Coimbra, em colaboração com a Association Archives du XX^e Siècle, sediada em Paris, teve grande êxito: mais de 400 participantes e cerca de 30 comunicações de especialistas de quatro continentes, inauguração pelo Presidente da República e encerramento pelo Ministro da Educação.

Esta variedade fez assim jus ao seu título, inspirado numa frase de Teilhard de Chardin. Dez anos depois, num congresso no outro extremo da România, em Cluj-Napoca, organizado pela Fundatia Culturale Romana e com o alto patrocínio dos Presidentes da República de Portugal e da Roménia, dava continuidade a estes esforços sob o lema “La Latinité: l’avenir d’un passé”. Aí se decidiu a criação do Centro de Latinidade Léopold Senghor, figura tutelar cujo falecimento veio a ser homenageado por essa mesma organização em 2002.

Estas anotações deixaram de fora um outro aspecto do trabalho intelectual de Léopold Senghor, que gostaria de recordar brevemente. Desta vez é o poeta, que, entre muitas outras composições, tem uma que se intitula “Élégie de Carthage”². Datada de um colóquio em Túnis, em Julho de 1975, evoca sucessivamente lugares e figuras históricas do tempo dos Romanos, desde “o palácio de mármore mouro, assimétrico, e a recordação de Cartago” (1^a parte) ao “combattant-ultime”, Bourguiba, a quem é dedicada (5^a parte). Na 2^a, 3^a e 4^a partes evocam-se sucessivamente as figuras que recordam grandes personalidades africanas da Antiguidade: Dido, Aníbal, Jugurta. Na música subtil e bem ritmada do poema passa a visão resplandecente das “garras das águias de ouro, a avançar sem cesura com os seus muros maciços de legiões”; e, com Aníbal, caminham os elefantes brancos blindados, Gétulas e Líbios, Númidas e Nasamones, Massilos e Massesilos, Mouros e

² As citações que se seguem são tomadas de Léopold Sédar Senghor, *Poèmes* (Paris, Éditions du Seuil, 4^a1984) p. 305-310, onde vêm devidamente assinalados os instrumentos de música magrebinos que acompanham a Elegia. Manteve-se a disposição dos versos, que é significativa.

Garamantes, as vitórias de Ticino e do Transimeno, até à imagem final da derrota:

Je ne chante pas ton courage: en lettres d'or sur le marbre
Noir Hannibal, je rythme ta passion aux yeux de lynx.

Em seguida avistamos a outra grande figura africana, desde o seu esplendor:

Jugurtha Jugurtha, mon héros mien enfin, et mon Numide
Dans la jeunesse du matin soleil, m'a frappé ta beauté, celle
de ton regard d'or blanc
— Que ta mère était belle, la Préférée, perle en sa peau
sombre de bronze ! —
Et comme l'aigle de l'Atlas, la beauté du profil de ton visage,
de ton âme volcan
Féroce comme une meute aboyant de lycæons dans la nuit,
huile d'olive à tes amis.

até ser feito prisioneiro, e no entanto capaz de visionar, em pensamento, na prisão mamertina, a sua nação unida:

Le prisonnier des murs de Mamertine, mais libre en ta vision
puissante
D'une Numidie bien numide : une nation nation, une terre
totale.

.....
Dans l'ivresse lucide du délire, de l'Océan à l'Océan tu vois
Une seule nation sur une seule terre, et sans couture.
Et comme un enfant apaisé, tu dors dans les bras de la Mort.

Estamos longe das leituras do perfil destes heróis deixadas por Tito Lívio e por Salústio. Mas regressemos à segunda parte da Elegia, onde um só verso condensa múltiplas referências literárias:

Je me rappelle, Didon, le chant de ta douleur qui charmait
mon enfance.

É o estudo da *Eneida*, na infância do poeta. E, para nós, aqui se atravessa a memória de outro africano ilustre, Santo Agostinho, a lamentar-se, em passo célebre das *Confissões* (I. 12-13), por chorar a morte de Dido, enquanto “a tua, Deus, minha vida, a suportava com olhos enxutos, este miserável que eu sou”.

E, com este belíssimo percurso cultural e sentimental de vinte e um séculos, encerramos o nosso olhar sobre uma figura modelo de artista, de estadista e de sábio.

MARIA HELENA DA ROCHA PEREIRA